

Inovação já não parte da TI, lembra presidente da Genexus

Vitor Cavalcanti

Ao falar de crescimento e expansão, Breogán Gonda diz que vê com bons olhos o fato de mais pessoas entenderem de TI e afirma que, sem plataformas como a de sua empresa, a vida das PME seria difícil

É um paradoxo. Ao mesmo tempo em que a TI é pressionada para entregar mais com menos e liderar projetos de inovação, é sabido que, cada vez mais, iniciativas inovadoras, ainda que envolvam o uso tecnologia, surgem fora do departamento. Muitas vezes, são ideias trazidas por clientes ou funcionários de outras áreas que têm em mãos equipamentos mais potentes que os oferecidos pela companhia. Resultado dessa popularização da TI é que o conhecimento parece estar disseminado, todos querem entender do assunto.

“É sempre bom que as pessoas entendam mais”, dispara Breogán Gonda, presidente e cofundador da Artech, detentora da plataforma Genexus, com seu estilo tranquilo, de palavras objetivas, como todo bom gaúcho, e fazendo questão de conceder a entrevista em português. “Há uma diferença no mercado e em boa parte trazida pelos smartdevices. Antes, toda a inovação dentro da corporação vinha da TI e isso segue sendo importante, mas, especialmente, para a parte corporativa interna. Já as novas coisas vêm de outros agentes”, completa.

Essa mistura, entretanto, torna o ambiente um pouco mais complexo. De um lado, você tem os que precisam ampliar vendas ou mudar o perfil da empresa e, do outro, aqueles que trabalham para manter as coisas em funcionamento e melhorar processos. E tudo tem que conversar. O ideal é que os departamentos possam dialogar e trocar ideias.

Em meio ao bate papo com a InformationWeek Brasil, Gonda abordou também a importância dos desenvolvedores. Num mundo onde todos querem ter coisas legais ou aplicativos diversos, uma empresa como a Artech precisa de um ecossistema consistente para dar vazão. Hoje, a companhia contabiliza 86 mil profissionais em sua comunidade. Mas elevar muito esse número significa, também, correr o risco de reduzir a qualidade do que é ofertado. O que seria algo ruim tanto para a fabricante, quanto para os usuários finais daquilo que é criado na plataforma Genexus.

“No que depende de nós, queremos que tudo venha com muita qualidade. Mas não resolvemos tudo. E existe algo que não resolveremos que é entender o problema do usuário. Mas a Lei de Darwin ajuda a explicar, se não entende o cliente, dificilmente vai ter outros clientes. Estamos sempre aí para ajudar nosso ecossistema e nossos clientes finais”, pontua.

Crescimento

Na realidade, o melhor dos mundos seria contar com uma base de desenvolvedores capazes de entregar boas aplicações – sejam elas corporativas ou móveis. Mas isso nem sempre é possível. E, como frisa o executivo, esses que não atendem aos anseios dos clientes, acabam por perecer.

Durante toda a conversa, pouco se falou em números. Mas em objetivos, situações diversas e uma delas é a questão da expansão da companhia. Hoje presente em diversos países, tendo entre seus maiores mercados Brasil e Japão, Gonda acredita que o caminho, ao menos neste momento, não esteja em correr para ampliar a presença em mais países.

“Queremos expandir nos mercados que são mais receptivos e que precisam (da nossa solução)”, avalia. Ele entende, no entanto, que em algum momento a companhia dará um salto de crescimento bastante expressivo. “Mas isso requer mudanças de paradigma e algumas são imprevisíveis. A mudança é a seguinte: quase todas as aplicações hoje são feitas na mão, com códigos de baixo nível e isso, até do ponto de vista de custo, é cada vez mais inviável. Se você decompõe o custo em dois componentes, dinheiro e o tempo, você vê que (as empresas) fazem aplicações com Genexus que não seriam possíveis de outro jeito. Por uma razão de

tempo. Quando o cliente pede a entrega em três meses, não importa se você faz de graça, mas entrega em quatro anos.”

Já ao final da conversa, Gonda ressaltou gostar da liberdade que tem para definir o futuro da companhia e que, até por isso, não busca investimento de capital de risco. Ele entende que o tempo dele é diferente dos fundos, ou seja, é melhor manter a independência e seguir dentro de um ritmo que tem garantido sucesso à empresa. Antes de encerrar a entrevista, o executivo ainda fez uma provocação àqueles que dizem que o modelo Genexus não é bom para pequena empresa por ter custos embutidos. “Estamos aí para ajudar clientes finais e empresas de software. Dizem que a ferramenta não é boa para PME de software, mas elas são inviáveis sem Genexus. As pequenas sem algo desse tipo estão condenadas a não crescer e ficar escravas de dois ou três clientes.”

Fonte: Information Week Brasil. [Portal]. Disponível em:
<<http://informationweek.itweb.com.br/10741/inovacao-ja-nao-parte-da-ti-lembra-presidente-da-genexus/>>. Acesso em: 3 out. 2012.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais